



CROMWELL FLEETWOOD VARLEY

(1828 - 1883)

Nascido em Kentish Town, Londres; foi o segundo de dez filhos de Cornelius Varley.

Eminente físico, descobridor do condensador elétrico, estabeleceu, por meio do cabo submarino, as comunicações entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

Engenheiro-chefe da Electric telegraph Comapany, inventou muitas técnicas e instrumentos para melhorar o desempenho do telégrafo. Em 1870, inventou o cymaphen, uma espécie de telégrafo que poderia transmitir a fala.

A partir de 1871, se interessou pelos fenômenos espíritas, se associando a Sir William Crookes e participando de diversas experiências de investigação nessa área.

Foi Varley quem idealizou e preparou os aparelhos elétricos que serviram para as experiências de Crookes com a médium Florence Cook e Daniel D. Home.

Vários autores espíritas como Gabriel Delanne e Léon Denis fazem citações dos trabalhos desenvolvidos por esse ilustre cientista.

Narração de uma experiência científica feita por Crookes e Cromwell Varley, em uma das sessões de materialização do Espírito de Katie King

O Sr. Aksakof assim se exprime na sua bela obra:

Para ter certeza de que a Srta. Cook estava no interior do gabinete, durante o tempo em que Katie se apresentava diante dos assistentes, fora dela, o Sr. Varley concebeu a idéia de fazer atravessar o corpo da médium por uma fraca corrente

elétrica, durante todo o tempo em que a forma materializada estivesse visível, e de fiscalizar os resultados, assim obtidos, por meio de um galvanômetro colocado no mesmo aposento, fora do gabinete.

A experiência realizou-se na residência do Sr. Luxmoore.

O compartimento do fundo, que devia servir de câmara escura, foi separado do da frente, por meio de uma cortina, para impedir a entrada da luz.

Antes da sessão, a câmara escura foi examinada cuidadosamente e as portas foram fechadas à chave.

O compartimento da frente estava iluminado por uma lâmpada de parafina, com um pára-luz que peneirava a luz.

O galvanômetro foi colocado sobre o fogão, à distância de 11 pés da cortina.

Os assistentes eram os Srs. Luxmoore, Crookes, a Sra. Crookes e a Sra. Cook com a filha, os Srs. Tapp, Harrison e eu (Varley).

A Srta. Cook ocupava uma poltrona no aposento do fundo.

Fixou-se, com borracha, a cada um dos seus braços, um pouco acima dos punhos, uma moeda de ouro, à qual estava soldada uma extremidade de fio de platina. As moedas estavam separadas da pele por três folhas de papel mata-borrão branco, de forte espessura, umedecido com uma solução de cloridrato de amônio. Os fios de platina passavam ao longo dos braços até às espáduas e foram atados por meio de cordões, de maneira a deixar aos braços a liberdade dos movimentos. As extremidades exteriores dos fios de platina foram reunidas a fios de cobre, envoltos em algodão, e que chegavam até ao quarto iluminado onde se achavam os experimentadores. Os fios condutores foram ligados a dois elementos Daniel e a um aparelho de verificação.

Quando tudo estava preparado, fecharam-se as cortinas, deixando assim a médium (a Srta. Cook) na escuridão. A corrente elétrica atravessou o corpo da médium, durante toda a sessão.

Essa corrente, começando nos dois elementos, passava pelo galvanômetro, sobre os elementos de resistência, pelo corpo da Srta. Cook e voltava em seguida à bateria.

Antes da introdução da Srta. Cook na corrente e enquanto as duas moedas, que formavam os pólos da bateria, estavam reunidas, o galvanômetro marcava uma declinação de 300° .

Depois da introdução da Srta. Cook, as moedas de ouro foram colocadas nos seus braços, um pouco acima do punho, e o galvanômetro não marcou mais de 220° .

Assim, pois, o corpo da médium, introduzido na corrente, oferecia uma resistência à corrente elétrica equivalente a 80 divisões da escala.

O fim principal dessas experiências era precisamente conhecer a resistência que o corpo da médium podia oferecer à corrente elétrica.

O menor deslocamento dos pólos da bateria, que estavam fixados aos braços da Srta. Cook por borrachas, teria inevitavelmente produzido uma mudança na força de resistência oferecida pelo corpo da médium.

Ora, foi nessas condições que a figura de Katie apareceu várias vezes na abertura da cortina, mostrou as mãos e os braços, depois pediu papel e lápis e escreveu à vista dos assistentes.

Se as moedas e o papel mata-borrão tivessem sido deslocados para as espáduas, de maneira a ficarem libertados os braços da médium, o trajeto percorrido pela corrente elétrica, no corpo dela, teria sido diminuído pelo menos de metade e, por conseqüência, a resistência oferecida pelo corpo da médium teria também diminuído de metade, ou seja, de 40° , e a agulha do galvanômetro se elevaria de 220° a 260° .

Entretanto, deu-se o contrário: desde o começo da sessão, não somente não houve nenhum aumento no desvio, mas ainda constante e gradualmente diminuiu até ao fim da experiência, sob a influência do dessecamento do papel molhado, circunstância essa que aumentou a resistência à corrente elétrica e diminuiu o desvio de 220° a 146° .

É certo que se uma dessas moedas de ouro tivesse sido deslocada, ainda que fosse de uma polegada, a declinação teria aumentado e a fraude da médium teria sido desmascarada; mas, como se disse, o galvanômetro não deixou de abaixar.

Ficou, pois, absolutamente demonstrado que as chapas de ouro, aplicadas nos braços da médium, não se deslocaram nem de um milímetro, que os braços que apareceram e que escreveram não eram os da médium e que, por conseqüência, o emprego da cadeia galvânica, para demonstrar a presença da médium atrás da cortina, deve ser considerado como garantia suficiente.

As variações das condições às quais a corrente elétrica estava submetida, passando pelo corpo da médium, eram indicadas pelo galvanômetro refletor, instrumento tão sensível que registraria a mais fraca corrente elétrica transmitida a 3.000 milhas por um cabo submarino.

Portanto, é claro que o menor movimento da médium teria provocado oscilações do aparelho; e teve-se a prova disso antes da experiência, como mostra o seguinte extrato de um artigo do Sr. Varley, onde todos os movimentos do galvanômetro são minuciosamente consignados, minuto por minuto:

“Antes que a médium caísse em transe (em letargia), pediu-se-lhe que fizesse movimentos com os braços; a mudança da superfície metálica, posta em contato real com o papel e o corpo, produziu um desvio, elevando-se de 15 a 20 divisões,

ou mesmo mais, algumas vezes; por conseguinte, se, durante a sessão, a médium fizesse o menor movimento com as mãos, o galvanômetro tê-lo-ia infalivelmente indicado.

A Srta. Cook, na ocasião, representava um cabo telegráfico. (*Psychische Studien*, 1874, pág. 344.)

As moedas e o papel umedecido não podiam ser elevados ou retirado para trás, sem a médium se dirigir para o espectador, pois, para isso acontecer e ela mostrar os braços descobertos, era obrigada a arregaçar, até às espáduas, as mangas do seu vestido, com as moedas, as borrachas, as aplicações de papel, os fios de platina, os laços que os mantinham nos braços, e a fazer essa operação, primeiro em um braço, depois no outro; tudo isso não somente sem interromper durante um só instante a corrente elétrica (se a corrente tivesse sido interrompida ainda que por um décimo de segundo, o galvanômetro teria feito uma oscilação pelo menos de 290 divisões), como, também, sem provocar outras declinações além das resultantes do simples movimento das mãos.

Finalmente, teria de colocar em seu lugar, antes do fim da sessão, as mangas do vestido conservando os aparelhos sobre os braços.

Vimos, entretanto, que às 7:45 Katie repetia ainda a experiência da escrita, tendo inteiramente o braço fora da cortina, e que às 7:48 apertava a mão do Sr. Varley, e a sessão terminava.

Durante esses três minutos, o galvanômetro só registrou oscilações insignificantes, compreendidas entre 140° e 150°; era pois impossível à médium fazer os movimentos necessários para restabelecer o statu quo ante.

Katie só aparecia com um pano branco sobre a cabeça e o corpo.

Nessa sessão, ela levantou a cortina e mostrou-se várias vezes, em seu traje habitual.

Se fosse a médium que se apresentasse, tornar-se-ia necessário mudar de roupa, o que não era possível, por causa dos fios de cobre que estavam enrolados aos fios de platina e que terminavam no quarto iluminado.”

Qualquer discussão sobre isso torna-se supérflua, uma vez que o princípio físico no qual se baseava a experiência (a apreciação da soma da resistência oferecida pelo corpo da médium à corrente elétrica) seja bem compreendido, e que se considere que o algarismo que representava essa força de resistência nunca diminuiu.

Mas há, ainda, o fenômeno que se relaciona com a categoria de experiências do Sr. Crookes: a médium é introduzida na corrente, mas, apesar disso, Katie sai inteiramente de trás da cortina.

Eis a passagem do *Psychische Studien*, que narra esse incidente:

“Na segunda sessão, foi o Sr. Crookes, só, quem dirigiu a experiência, na ausência do Sr. Varley, e obteve resultados semelhantes, tendo tomado a precaução de só deixar aos fios de cobre o comprimento necessário para permitir à médium mostrar-se na abertura da cortina, no caso em que ela saísse do lugar.

Entretanto, Katie avançou além da cortina, cerca de 6 a 8 pés, sem estar presa por nenhum fio, e a observação do galvanômetro não fez verificar nada de anormal, em nenhum momento.

Além disso, Katie, a pedido do Sr. Crookes, mergulhou as mãos em recipiente que continha iodeto de potássio, sem que resultasse a menor oscilação da agulha do galvanômetro.

Se os fios condutores tivessem estado em comunicação com a sua pessoa, a corrente se teria dirigido pelo caminho mais curto que lhe oferecia o líquido, o que teria ocasionado um mais forte desvio da agulha.” (Psychische Studien, 1877, pág. 342.)

M. Harrison, editor do *Spiritualist*, que assistiu à experiência e publicou no seu jornal a narração citada, fez aparecer no *Médium* a seguinte notícia, com a aprovação dos Srs. Crookes e Varley:

“Senhor Diretor:

Em consequência da minha presença a várias sessões recentes, durante as quais os Srs. Crookes e Varley dirigiram uma fraca corrente elétrica através do corpo da Srta. Cook, durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, ao mesmo tempo em que Katie estava fora dele, algumas pessoas, que fizeram parte da sessão, pediram-me comunicasse-lhe os resultados obtidos nessas experiências, no desejo de que este artigo tenha por efeito proteger uma médium leal e honesta contra indignos ataques.

Quando Katie saiu do gabinete nenhum fio metálico aderiu à sua pessoa e durante todo o tempo em que ela se manteve no aposento, fora do gabinete, a corrente elétrica não sofreu nenhuma interrupção, o que teria inevitavelmente acontecido se os fios tivessem sido desenrolados dos braços da Srta. Cook, sem que as suas extremidades fossem imediatamente postas em contato.

Admitindo mesmo que se tivesse dado esse fato, a diminuição da resistência teria sido logo posta em evidência pela agulha do galvanômetro. Nas experiências de que se trata, ficou demonstrado que a Srta. Cook esteve no gabinete durante o tempo em que Katie se exhibia cá fora.

As sessões realizaram-se nas casas dos Srs. Crookes e Luxmoore.

Antes de vos dirigir a presente carta, foi ela lida e aprovada pelos Srs. Crookes e Varley.

– 11 Ave Maria Lane, 17 de março de 1874.

William H. Harrison.”

A propósito dessas experiências com a corrente galvânica, devo mencionar ainda um meio de verificar a materialização e, por conseqüência, a realidade objetiva de uma aparição.

Esse método, que tinha sido sugerido ao Sr. Crookes pelo Sr. Varley, foi posto em execução pelo primeiro dos dois sábios.

Infelizmente, só possuímos sobre esses assuntos as explicações seguintes do Sr. Harrison:

“Os pólos opostos de uma bateria foram postos em comunicação com dois vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou de força; mas quando a Srta. Cook saiu do gabinete e umedeceu os dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou uma declinação considerável. Katie King apresentava à corrente uma resistência cinco vezes maior que a Srta. Cook.” (The Spiritualist, 1877, pág. 176.)

Dessa experiência podemos concluir que a condutibilidade elétrica do corpo humano é cinco vezes maior que a de um corpo materializado.

Fontes: William Crookes - Fatos Espíritos